

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

IDINEI ZOTSITSA

MYHÃRÃ - CAPACETE TRADICIONAL DO POVO RIKBAKTSÁ

**Barra do Bugres
2016**

IDINEI ZOTSITSA

MYHÃRÃ - CAPACETE TRADICIONAL DO POVO RIKBAKTSÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Z89m ZOTSITSA, Idinei.

Myhãrã: capacete tradicional do Povo Rikbaktsa / Idinei Zotsitsa. – Barra do Bugres, 2016.

47 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

1. *Myhãrã*. 2. Cultura Material e Imaterial. 3. Cultura *Rikbaktsa*. I. Quintino, W. P., Dr. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

IDINEI ZOTSITSA

***MYHÃRÃ* - CAPACETE TRADICIONAL DO POVO RIKBAK TSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 15 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Isamar Valdevino Fróio Torres
Professor Orientador

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira
Professora Avaliadora

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao povo *Rikbaktsa* e as pessoas merecedoras: minha família, professores e as pessoas que foram entrevistadas para realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, aos meus pais, Gregório e Célia, a minha esposa, Jucileide Tsapaeta, aos meus filhos Wagner Railson Tsibawy, Jaqueline Maby, Diermison Bismarques Muytso, pelo incentivo e confiança durante o tempo em que eu estava em meus estudos distantes deles.

Agradeço as pessoas pelas informações relevantes que contribuíram significativamente para realização desta pesquisa.

Agradeço especialmente a minha comunidade, pela confiança que demonstraram em mim e também por acreditaram na minha pessoa e na pesquisa que fazia, principalmente agradeço os anciões que se dispuseram a me ceder entrevistas.

A todos os professores e professoras da UNEMAT – Campus de Barra do Bugres – MT, pelo muito que aprendi durante meu estudo. Especial, a minha orientadora Isamar Fróio e a minha amiga Leia Silva, que também contribuiu com sua grandiosa experiência pela sua pesquisa de Doutorado.

A toda a equipe da Faculdade Indígena Intercultural, que muito contribuiu para a conclusão deste meu trabalho.

Fica meu agradecimento aqui registrado a ATSIK, Associação do Povo *Rikbaktsa* TI Japuíra.

EPÍGRAFE

Entre os índios,
o velho é o dono da história,
o homem é o dono da aldeia,
e a criança é a dona do mundo.

Orlando Vilas Boas

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada na Aldeia Japuira, que fica na Terra Indígena Japuira, Município de Juara-Mato Grosso. O objetivo é demonstrar a importância da confecção do *Myhãã* - capacete tradicional do povo *Rikbaktsa*, como aspecto cultural tradicional do meu povo. Descrevo sobre a elaboração desse tradicional artefato cultural dos *Rikbaktsa* e, ainda, discuto como, recentemente, está mais difícil manter essa nossa tradição. Meu interessei por fazer este registro é em função de que os jovens não estão mais interessados na confecção do *Myhãã*, assim, é importante este registro enquanto ainda permanece viva a nossa tradição cultural, então creio que será mais fácil mantê-la viva. Para realizar a pesquisa, entrevistei alguns anciões do povo *Rikbaktsa* que me passaram as informações sobre a confecção do capacete *Myhãã* e os significados culturais. Com esse registro, quero contribuir para a valorização da realização desse trabalho tradicional do meu povo e incentivar a comunidade a respeitar a importância da manutenção das formas tradicionais de transmissão de conhecimentos culturais.

Palavras-chave: *Myhãã*. Cultura *Rikbaktsa*. Cultura Material e imaterial.

JOKBOATO

Naka tsiriktsa inarkoa, myhudikhudikwy eze tu iwatahaha, yuara humuktsa. Iwahahi mysukpirikpowybeta Rikbaktsa wahoro ziwy iwatahaka. Katsa mysopyhi. Rikbaktsa sopykana soho hi iwatahaka, mysopyk, ezeka myhokda, abako nanabyi humo tsihokdahaima iwatatsa hi wahoro Rikbaktsa sopyk Myhoda mysikpirik potohi eztu, mysopyk anatu ze hi. Iwaze mymysopyk wasani, ispitu. Na kawataha tapaktsa ypykyhytuk ikpamy kysoko. Asahi Rikbaktsawahoro ziwy humo nipamyky sokona. Natukhik. Aiba eze wasani iwaze mysopyk ba zikhokda. Rikbaktsa awatu zinakaranaha, mysopykyka tykhpka hokdabyitaha.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Localização das três Terras Indígenas do povo Rikbaktsa, no noroeste de Mato Grosso.....	13
Figura 2 -	Terra Indígena Japuira	16
Figura 3 -	Duas das 4 Salas de aula da aldeia Pé de Mutum	20
Figura 4 -	Uma das salas anexas da aldeia Jatobá.	21
Figura 5 -	O mito “segredo da preguiça”.....	23
Figura 6 -	O mito dos peixes e a separação dos homens e as mulheres	24
Figura 7 -	Jovens dançando e cantando na aldeia Barranco Vermelho	26
Figura 8 -	Alimentos sagrados na Festa da seca	28
Figura 9 -	Ritual na Festa da seca.....	28
Figura 10 -	Pessoas usando Myhãrã em apresentação cultural	30
Figura 11 -	Parte traseira do Myhãrã de rabos duplos.....	31
Figura 12-	Partes traseiras dos Myhãrã (tsa)	32
Figura 13 -	Myhãrã simples.....	33
Figura 14 -	Myhãrã de rabos duplos.....	34
Figura 15 -	Myhãrã simples do clã Arara amarela	34
Figura 16 -	Myhãrã duplo do clã Arara amarela	35
Figura 17 -	Myhãrã simples do clã Arara Cabeçuda	35
Figura 18 -	Myhãrã duplo do clã Arara Cabeçuda	36
Figura 19 -	Myhãrã original	37
Figura 20 -	Desenho de pessoas na colaboração da confecção do Myhãrã.....	39
Figura 21 -	Sainhas de penas vermelhas e rabo azul ou amarela	40
Figura 22 -	Rabo de arara vermelha e sainha de penas amarelas	41
Figura 23 -	Sainha preta feita com penas de mutum e novelo de linha de algodão	41
Figura 24 -	Florzinha de pena amarela e vermelha da arara, florzinha de pena preta do mutum e o cabelo preto das mulheres Rikbaktsa	42
Figura 25 -	Folha de tinta roxa para pintar os fios de algodão tradicional	42
Figura 26 -	Barbante e piche.....	43
Figura 27 -	Faca e tesoura	44

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO I - HISTÓRIA DO POVO RIKBAKTSÁ: FORMAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO ATUAL	13
1.1 Como vivem os Rikbaktsa hoje	15
1.2 A Terra Indígena Japuira.....	16
1.3 Caracterização da minha aldeia: Aldeia Pé de Mutum	19
1.4 A escola da aldeia Pé de Mutum.....	20
CAPÍTULO II - A ORIGEM DO POVO RIKBAKTSÁ CONTADA ATRAVÉS DE MITOS	23
2.1 Principais práticas tradicionais.....	24
2.2 Nossas apresentações culturais	26
CAPÍTULO III - MYHÃRÃ (CAPACETE): UM DOS ARTESANATOS MAIS IMPORTANTES PARA O POVO RIKBAKTSÁ	30
3.1 Os diferentes tipos de Myhãrã	31
3.2 Como confeccionar o Myhãrã.....	38
3.3 As partes que compõem o Myhãrã.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	46
CONSULTORES NATIVOS.....	46

APRESENTAÇÃO

Escolhi este trabalho por perceber que as cores dos artesanatos da etnia Rikbaktsa estão misturando, assim deixando de identificar de que clã estes artesanatos podem pertencer. Tendo essa preocupação, resolvi fazer pesquisa e registra sobre o artesanato Myhãrã (capacete), que também é um artefato cultural que identifica os clãs do povo Rikbaktsa. O motivo que me levou a esse tema foi que muitas pessoas Rikbaktsa têm pouco conhecimento sobre a confecção deste artesanato, o qual faz parte da nossa cultura tradicional, e, principalmente, os jovens quase não sabem confeccionar as várias espécies de artesanatos que são divididas por clãs e que as cores definem essa divisão.

É um trabalho difícil, porque para a sua confecção são necessárias muitas penas de pássaros e além do mais, o tempo usado para a produção é longo, o que leva as pessoas, principalmente, os jovens, a não querer aprender essa atividade.

Essa pesquisa foi feita com questionário montado por mim, Idinei Zotsitsa, porque achei que era melhor trabalhar assim, pois confiava que seria bem mais rápido fazer a pesquisa, tanto que deu certo. Com relação ao tempo de preparação, foi um pouco longo, porque tive que escolher os anciões que iriam me dar as informações.

Então, com o questionário, foi feito este trabalho que levou uma semana para dar início as pesquisas. As entrevistas foram feitas devagar devido outros trabalhos que eu tinha a fazer e também porque as pessoas que foram entrevistadas moram distante da minha aldeia.

Este trabalho levou pouco mais de dois (2) anos para ser concluído. Teve (7) sete pessoas entrevistadas: Oseias Pudaik, Geraldino Matsi, Eriberto Nabita, Arnildo Rikbakta, Paulo Tsikdi, Marinho Mamita e Salvador Rikbaktsa. Para fundamentação, coloquei algumas coisas que as pessoas diziam em suas histórias enquanto conversávamos dentro da casa tradicional. No decorrer deste tempo, eu prestava atenção, aí achava interessante alguns comentários e depoimentos que eles falavam, assim escrevia para enriquecer meu TCC. Para mim tudo era importante, pois tinha tudo a ver com minha pesquisa, eram as falas dos idosos e jovens que receberam informações dos pais.

Assim foi mais fácil e tranquilo para mim. Com os questionários respondidos, nas horas de folgas escrevia, desenhava e procurava as fotos nos meus arquivos. Mas muitas vezes, eu ficava preocupado em fazer trabalho por não ter o meu próprio computador, desta forma usava o da escola. Isso me levou a comprar notebook, aí ficou mais fácil.

Tive dificuldade de mandar meu trabalho para a orientadora pelo e-mail na qual ainda tinha muitas dúvidas em enviar. Muitas vezes tinha que enviar através do meu celular por motivo de não ter computador em mãos.

Passava apuros quando a orientadora ou pessoas da UNEMAT pediam este TCC para olhar como estava o seu andamento.

Para a realização desse trabalho, também foram entrevistadas pessoas anciãs da minha própria aldeia. Foram entrevistadas de outras aldeias quando elas vinham para a minha aldeia Pé de Mutum dançar com flauta. Grande parte contribuiu com algumas informações, relatei os fatos importantes, os quais vão engrandecer o teor da pesquisa. Foram eles os entrevistados: Paulo Tsikdi que mora na aldeia Pé de Mutum, trabalha com plantio de roça de toco, é recente aposentado, casado, pai de nove filhos. Arnildo Yomahã é professor com nível de magistério, trabalha em sala de aula com as crianças, mas sempre que ele tem tempo trabalha em roça com plantio de alimentos. Iriberto Nabita, professor com nível superior formado em linguagem, trabalha na sala de aula na aldeia Pé de Mutum há muitos anos. Esses três moram na aldeia Pé de Mutum.

Foram vários os objetivos deste trabalho, dentre eles mostrar e testar minha capacidade de pesquisar, escrever e aprender muito mais ainda com os meus parentes, com os anciões e também com minha orientadora na organização do TCC. Quanta coisa boa da visão de ajudar e mostrar para aquelas pessoas que também um dia pode pedir ajuda para mim. Assim poderei ajudar por eu ter um pouco mais de conhecimento nesse assunto de TCC. Principalmente, para meus filhos, que sem falar mostrava-me esforçado em fazer este trabalho diante deles, não sei até que horas da noite tinha que estar acordado escrevendo. Muitas vezes, essa atitude de fazer sem explicar para eles, eu pensava valerá mais do que só mandá-los (eles) estudar e escrever algo, assim fiz calado sem reclamar do tempo, espero que meus filhos tenham percebido este esforço.

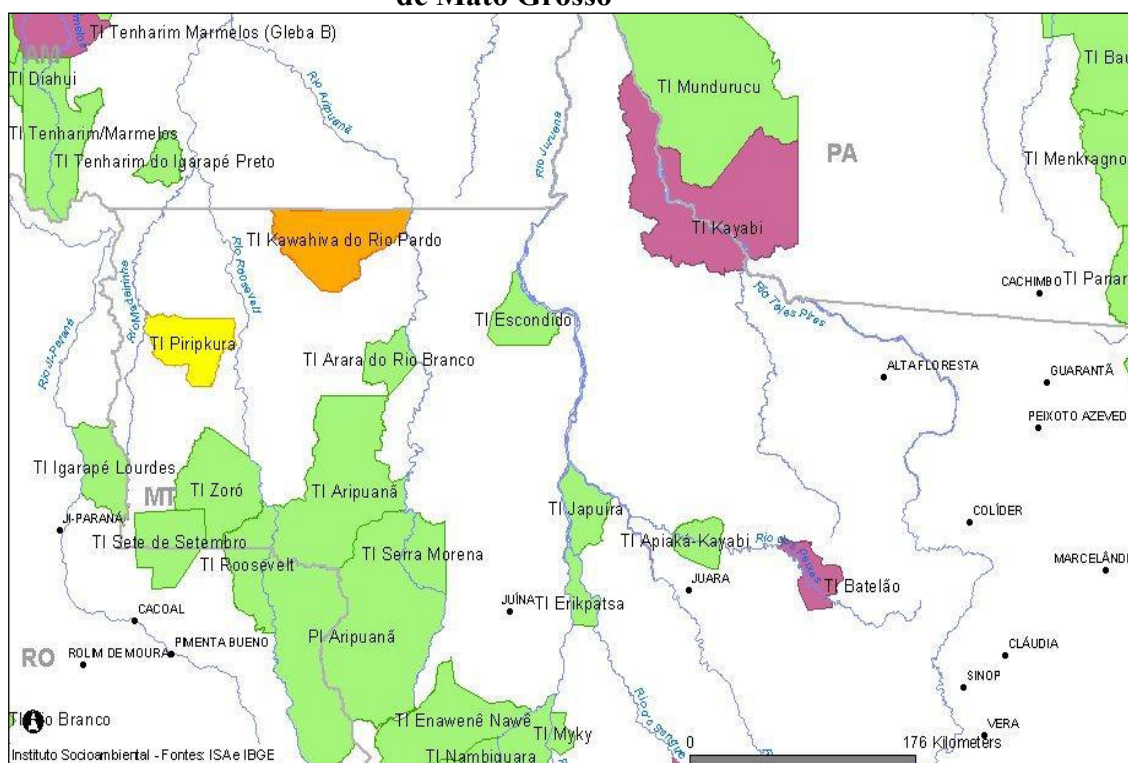
Pensei para escrever algo que tenha como propósito de servir para outras pessoas pesquisarem e talvez aprenderem com meu trabalho, portanto, tive o compromisso de fazer um trabalho de acordo com realidade do povo Rikbaktsa, então tive que fazer o máximo para não mentir nesse TCC, porque o pessoal Rikbaktsa, ao ver algum erro vem com sarro e pode ficar bravo comigo, assim meu trabalho não terá validade. Quero que seja este o objetivo deste trabalho que seja também a base de outras pesquisas dos estudantes e acadêmicos do meu povo, poder levar informação às pessoas interessadas em conhecer um pouco sobre os Rikbaktsa e também para os professores. A seguir falo da história do povo Rikbaktsa.

CAPÍTULO I - HISTÓRIA DO POVO RIKBAKTSÁ: FORMAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO ATUAL

O povo Rikbaktsa, atualmente, vive em três Terras Indígenas, pertencentes a três municípios diferentes. A Terra Indígena Rikbaktsa, com extensão territorial de 79.934/ha, já regularizada, localizando-se no Município de Brasnorte, é a que possui o maior número de população, estimada hoje em 1.690 indivíduos; A Terra Indígena Escondido, com extensão de 168.938/ha, também regularizada, está situada no Município de Cotriguaçu, com um número menor de habitantes, num total de 60 indivíduos; A Terra Indígena Japuira, na qual eu habito, é pertencente ao Município de Juara com sua extensão territorial 152.509/ha, já regularizada.

Com a população aproximadamente de 330 pessoas divididas em sete aldeias, todas as Terras são demarcadas e homologadas. Elas estão localizadas na Região Noroeste Matogrossense.

Figura 1 - Localização das três Terras Indígenas do povo Rikbaktsa, no noroeste de Mato Grosso



Fonte: Créditos na Imagem, 2016

O povo Rikbaktsa, denomina-se também como povo dos clãs. Tem atualmente 12 clãs, mas antes tinha muito mais que 12 clãs. Entre nós, Rikbaktsa, chamamos de clãs vários grupos

familiares que se dividem com um objetivo a cumprir durante toda sua vida, principalmente nas festas tradicionais do povo Rikbaktsa e nos casamentos (formação de familiares).

Os clãs são denominados de Arara amarela e Arara cabeçuda. Cada metade é dividida em seis clãs. A metade Makwaraktsa (Arara Amarela) é considerada o clã que origina os clãs: Tsikbaktsa (Arara Vermelhinha), Bitsitsiuktsa (Berici), Mybyiknytsa (Macaco Guatá), Dururuktsa (Onça Preta), Wohiyktsa (Arara Amarela/Gavião). Já a metade Hozobiktsa (Arara Cabeçuda) é também considerada o clã que origina os clãs: Umahaktsa (Figueira), Tsuãrãktsa (Macuco), Tsawaratsa (Coquinho), Boroktsa (Árvore Leiteira), Zeohopyrytsa (Jenipapo).

Ainda hoje cada pessoa honra o seu clã pertinente. Entretanto, dizem que os clãs que não querem se assumir são os clãs do macaco Guata (macaco aranha). Acredito que é verdade, porque já ouvi os mais idosos dizerem que o clã Guata tem muita preguiça e que no passado eles eram escravos dos demais clãs. E devido essa história, creio que eles sintam vergonha de pertencerem ao clã do Macaco Guata, já que os outros clãs praticam preconceito com os pertencentes ao clã do Macaco Guata. A história ainda diz que caso as pessoas desse clã não fizessem o que era para fazer, ou seja, o que os outros clãs mandavam, eram mortos e serviam de alimentos (comidos), moqueados (assados).

Então, os clãs são divididos em duas metades: Arara Cabeçuda (Hazobiktsa) e Arara Amarela (Makwaratsa); esses são dois grandes troncos. Eles são identificados por pinturas corporais e faciais principalmente nas festas tradicionais, são todos diferentes para cada clã. Sem as pinturas não se identificam os clãs, as pessoas são iguais em estaturas e costumes.

Antigamente eram identificados por cores dos artesanatos que usavam nas festas. Com relação a estatura física dos Rikbaktsa, é normal, em torno de 1,60 a 1,80 de altura, pesando entre 50 a 80 quilos, e pele de cor parda e cabelos castanhos.

Os homens Rikbaktsa têm suas características específicas, ou seja, se identificam com traços específicos, por exemplo, nariz furado para usar enfeites nas festas, parte superior da orelha furada para usar brinco de penas (spirõrõ), parte inferior das orelhas furadas para usar grandes argolas de madeiras (ka-spioki), franja cortada com cabelo comprido nas costas, peito e coxa tatuados, usavam embira no pulso para a corda do arco não machucar quando fosse flechar alguma caça. Acredito também que aí estava o forte espírito de ser guerreiro para crescer forte e também a embira ajudava quando fosse subir em árvore para apanhar flechas ou frutas. Digamos que era para carregar veneno no pulso. Nisso acreditamos porque esse alguém com embira no pulso nunca iria se revelar ou dizer. Já as mulheres, usavam uns traços (tatuagens) nas laterais dos olhos, tatuagem na parte inferior da boca, nariz furado para usar enfeite nas

festas, também tatuam as coxas e utilizam franjas nos cabelos. Hoje quase ninguém é assim. Os homens e mulheres mais antigos com mais de 60 anos ainda têm essas características.

Já os homens e mulheres após o contato com os não índios quase perderam essas características. Mas, com o reconhecimento da importância da cultura, a juventude (novas gerações) começou a fortalecer e colocar algumas coisas da cultura tradicional em prática, como cantos, danças, furo no nariz, pinturas corporais, pinturas faciais e terem seus próprios artesanatos para seu uso. Mesmo não sendo exatamente como os dos antepassados, ou seja, correta, furam orelhas para usar pequenas argolas de madeira, e, claro, não seguem as normas de furos do passado porque eram bem rígidas.

Ainda o que está difícil para colocarmos em prática ou fortalecermos e que consideramos importante são: língua materna, toques de flautas grandes, fazer festas culturais grandes como festa de chuva e de seca, usar grandes argolas (botoques) nas orelhas e tatuagens no peito dos homens e na boca das mulheres. Talvez um dia isso volte, não sabemos se podemos acreditar.

O povo Rikbaktsa é falante da língua Rikbaktsa, pertencente ao tronco linguístico Macro-jê.

1.1 Como vivem os Rikbaktsa hoje

Hoje, essas pessoas Rikbaktsa que vivem na Terra Indígena Japuira, são distribuídas em várias aldeias e com muita preocupação com o nosso território, que já é pequeno e corre o risco de ficar menor ainda com as construções de Usinas Hidrelétricas dentro e nas proximidades da nossa terra. Se construídas, a água vai cobrir muita terra. Enquanto isso, a população cresce e os problemas vêm juntos. Ainda temos problemas com sustentabilidade, economia, cultura, moradia, saúde, desemprego nas aldeias, educação, espiritualidade, entre outras coisas que vem aparecendo.

Ainda para sobrevivência muitos Rikbaktsa dependem de costumes tradicionais como a caça e pesca. Entretanto, hoje, não há todos os dias caça e pesca, porque hoje melhorou muito devido ter chegado a energia elétrica até a aldeia. Assim, podemos conservar carne e pesca para consumirmos em outros dias, seja comprada na cidade ou de caça e pesca na aldeia. Para algumas famílias o peixe pego do rio ajuda como fonte de renda, pois podemos vender e arrumar dinheiro para conseguir outras coisas.

Assim, não é favorável a caça e a pesca até porque vem diminuindo drasticamente os peixes dos nossos rios e também alguns animais estão em extinção, e isso nos preocupa muito. Sabemos que não são somente nós povos indígenas que pescam, com isso ajuda na diminuição dos peixes. Sabemos que nós indígenas não temos carteirinha de pesca, só os não índios que têm, mas alguns não respeitam o período da piracema e pescam peixes para comércio em grande escala e isso nos preocupa muito, pois acabamos pagando na diminuição da nossa pesca. Podemos dizer que gostamos de caçar com precisão, principalmente aqueles animais e pássaros que consumimos a carne, mas que usamos penas, ossos, dentes, pelos para fazer os nossos artesanatos que utilizamos em nossas festas tradicionais.

Ainda que tenham nossas oferendas espirituais e culturais em festas tradicionais serão insubstituíveis outros animais igual onça, anta e gavião real. Esses sempre que existirem, nossa cultura vai ser praticada, para isso temos que caçar para capturar e manter a tradição.

Como outras fontes de renda do povo, contamos com coleta da castanha do Brasil na sua época, que vai de novembro até o mês de maio. Temos também a seringueira nativa da qual é extraída látex por poucas pessoas da comunidade, e se pode também fazer colar de sementes e de coco feita por mulheres.

Na época de frutas, saímos para colher frutas no mato com mulheres e as crianças. E na época da seca, pescamos com timbó e é muito animado, pegamos peixes, selecionamos e assamos em embrulhos de pacovas.

1.2 A Terra Indígena Japuira

A terra Indígena Japuira é onde fica minha aldeia Pé de Mutum, uma das maiores. Ela está localizada no município de Juara, no Noroeste de Mato Grosso. A população é estimada em torno de 345 pessoas que habitam na terra indígena Japuira, distribuídas em várias aldeias. Na minha aldeia Pé de Mutum temos 36 homens, 33 mulheres, 54 crianças, 11 idosos.

Na Terra Indígena Japuira tem sete aldeias (Figura 2), algumas são grandes e outras são pequenas. Eu Idinei Zotsitsa contei (fiz levantamento) no mês de maio no ano 2015.

Figura 2 – Terra Indígena Japuira



Fonte: Idinei Zotsitsa, 2016

A aldeia mais antiga é a aldeia Japuíra que tem mais de 60 anos. Temos também a maior aldeia, Pé de Mutum, que fica na Terra Indígena Japuíra com total de 134 pessoas. Nessa aldeia acontecem festas tradicionais com frequência.

Atualmente, o povo Rikbaktsa vem lutando para revitalizar e fortalecer sua língua de origem, devido o contato com o não índio, que foi um impacto muito grande, pois muitas crianças e jovens foram levadas para o internato Utiariti¹ e lá foram proibidos de falarem sua língua materna. Utiariti era na época uma aldeia dos Paresi, aí os padres jesuítas montaram estruturas para receber vários povos indígenas.

Então, quando falamos do Utiariti eu não sei falar muito bem deste lugar, porque, todas as pessoas que vivenciaram este lugar nesta época, e que hoje ainda estão nas aldeias, eles falam bem pouco, porque é muito ruim ouvir este depoimento, mas temos que falar e procurar saber.

Dizem Eriberto Nabita e Filomena Rikbaktatsa, que quando foram tirados para levar para internato, as pessoas que ainda eram crianças não tiveram a liberdade de escolha, se iam ou se ficavam com seus pais nas suas aldeias. Os padres que eram responsáveis de levar pessoas Rikbaktsa pegaram até as crianças da sua mãe que ainda estavam mamando. “Se ali já era ruim

¹ Local onde os jesuítas organizaram espaço bem estruturado para catequização e “civilização” de crianças indígenas da região de noroeste de Mato Grosso, entre 1930 a 1970. As crianças eram separadas de suas comunidades para poder “esquecer” suas línguas e práticas da cultura tradicional. Os povos Nambikwara, Irantxe, Paresi, Rikbaktsa, Apiaká e os Kayabi foram diretamente envolvidos nesta missão dos jesuítas.

para os que eram adolescentes imagina para as crianças pedirem as coisas, única língua era língua Rikbaktsa que eles sabiam se comunicar e os responsáveis não entendiam nada o que falavam.”, conta os meus entrevistados.

Como eram proibidas de falar em sua própria língua materna, as crianças ganhavam broncas quando falavam. Por “isso foi um impacto muito grande”. “Ir para um lugar desses, não poder comunicar ou falar sua língua é difícil, ainda não saber como sair para vir embora ficava totalmente quase que fim de tudo traumatizadas ou sem esperança melhor para futuro”. “Lá as pessoas não tinham liberdade para nada. Deixaram seus lugares de origem onde era de costumes tomar banho hora que quer, caçar e pescar hora que quer, brincar a qualquer hora, se alimentar a qualquer hora, comer fruta na mata hora que quer, falar ou comunicar na sua língua materna todo tempo, trabalhar na hora certa, dançar e cantar hora que quer”. Falas de Eriberto Nabita.

Mas deixar todo isso para partir para outro costume, outras culturas, pra tudo tem normas e tem seu tempo certo é muito difícil. “Ai você acha que vai falar palavras certas e ganha tapa na boca, nós como pessoas ficamos com muito medo de todo fala. Acha que vai fazer coisa certa e ganha reguadas na mão, você fica sem saber o que é certo e o que é errado”. “Temos hoje pessoas que foram levados desde criancinhas e tiveram que largar suas mães para irem Utiariti. Ainda quando voltam acreditando que vai encontrar seus pais e não acham mais nada. Como fica a cabeça dessas pessoas?”. Continua contando os consultores nativos.

Também temos pessoas que voltaram do Utiariti que não quiseram falar mais sua própria língua na aldeia devido as coisas ruins que eles tinham trazido daquele lugar: trauma. Talvez essas pessoas iam entender, mas dizem que não entendem, aí saem de perto para não responder ou fazer o que pede na língua Rikbaktsa.

Mas já ouvir dizer que o internato de Utiariti trouxe alguns benefícios, avanços para os Rikbaktsa que estiveram lá. Porque se não fossem essas pessoas, não saberiam ler e escrever e nem tinham o autoconhecimento e autonomia de lutar para conquistarem novas Terras de Origem. Isso também já ouvi dizer em grande conferência dos povos indígenas. Mas quase sempre essas palavras da até conflito e é polêmico. Porque cada um que esteve no Utiariti fala de formas diferentes uns dos outros. Cada pessoa tem sua opinião.

Ainda ouvimos dizer nas nossas aldeias de pessoas que voltaram do Utiariti “os professores de hoje não pegam firme para ensinar seus alunos, antigamente apanhávamos no Internato para aprendermos” dizem para os alunos também “vocês têm que aprender com seus professores que são muito bons que nem batem em vocês quando ficam andando e mesmo quando vocês fazem coisas erradas se fosse ao meu tempo era régua!!”.

Graças aos anciões e outras pessoas que resistiram na época e permaneceram na aldeia e ficaram com suas liberdades de manter os costumes e a nossa cultura, hoje podemos resgatar ou fortalecer a nossa língua, só que não está fácil.

O costume do povo varia muito de uma região para outra devido a muitas coisas, como a escassez dos recursos naturais. Entretanto, falarei apenas do modo sobrevivência do povo da minha aldeia.

1.3 Caracterização da minha aldeia: Aldeia Pé de Mutum

A minha aldeia fica às margens do rio Juruena, e pertence ao município de Juara. Na aldeia Pé de Mutum tem total aproximadamente 134 pessoas morando.

O formato da minha aldeia não é construído por casas em círculos, até porque isso não é do costume dos Rikbaktsa. Nessa aldeia tem muitas árvores (fruteiras) plantadas para servirem de sombra como: mangueira, laranjeiras, goiabeiras, entre outras. Geralmente cada família tem a sua casa, porém, sempre que alguma mulher que não tenha marido e têm filhos o pessoal da aldeia organiza e constrói casa para essas pessoas ter seu próprio lar. As pessoas recém-casadas geralmente ficam por certo tempo na casa dos pais até que façam suas casas. As famílias criam galinhas, pato, cachorro e criam animais selvagens também como; anta, macaco, quati e ou arara para tirarem penas para a construção dos artesanatos, mutum para tirar penas para poder fazer artesanatos, jacamim, juriti, papagaio, periquito. Esses animais selvagens são pegos quando filhotes.

Na minha aldeia, há o plantio da roça, de onde tiramos grande parte dos nossos alimentos. Temos dois tipos de roças para dar melhores condições de termos nossos alimentos. Fazemos roça comunitária para as pessoas plantarem todos juntos e, na hora de colher, cada família colhe o seu. As roças individuais, geralmente, são para as pessoas que querem ter seu plantio e ter cuidado melhor. Nas roças plantamos arroz, milho fofo, milho, milho de pipoca, banana, cará, mandioca, melancia, amendoim, batata doce e inhame.

Usamos para transporte, canoas, barcos a motor para irmos de uma aldeia a outra porque não temos estrada terrestre dentro da nossa terra.

Também caçamos e pescamos, porém, já não muito como antes. O fato que ocasionou essa diminuição da pesca e caça foi a chegada de Energia Elétrica na aldeia, e, com esse recurso, as pessoas congelam a carne e assim evitamos caçar e pescar quase todos os dias.

Os animais da minha região são: anta, cutia, paca, deve ter 6 tipos de macacos, tamanduá, tatu, cateto, porco queixada, jabuti, lobo, onça deve ter 4 tipo dede as pequenas até onça Pintada e a irara. Esses animais podem ser caçados com flecha e com arma de fogo.

Os rios que fazem limites da nossa terra são Rio Arinos, Rio Jurueña e Rio do Sangue. Nesses rios encontram os peixes: pacu, matrinhã, traíra, piau, curimatã, tucunaré, corvina, jau e pintado. Esses peixes pequenos de escama nós Rikbaktsa, pegamos de flecha e de anzol. Os de couro são pescados só no anzol, porque só se encontram nos lugares mais fundos do rio. Outros tipos de pesca não podemos praticar, pois não é permitido.

As PCHs (Pequenas Construções Hidrelétricas), que em parte é importante para a minha comunidade, pode contribuir com a diminuição dos peixes.

Ainda com relação ao artesanato, esse é confeccionado, mas somente para apresentações culturais como cocar, myhãrã, braçadeira, brinco, enfeite de nariz, enfeite de casamento e hokpoitsa (enfeites de braços). No entanto, não é um costume diário na aldeia. Também usamos em outras ocasiões como funeral e manifestações. Esses artesanatos também são de uso exclusivo para festas tradicionais, que geralmente dançamos todos os dias, podendo levar até 60 dias de festa direta e indiretamente. Temos alguns artesanatos do uso do dia-dia e que servem como fonte de renda para as famílias que os produz. Esses são feitos de sementes e coco de inaja, coco de tucumã e de coco de tucum.

Com coco de tucumã é feito pulseiras, colar grosso e fino, brinco, anéis e pingentes. De sementes geralmente são feitos colares coloridos.

1.4 A escola da aldeia Pé de Mutum

A escola Indígena Pé de Mutum (Fig. 3), atualmente, tem 234 alunos em salas de aulas distribuídas em 6 aldeias da Terra Indígena Japuíra, matriculados no ano 2015. Só na aldeia Pé de Mutum, que é central, estima-se 78 alunos matriculados na idade de 6 anos acima, incluindo alunos EJA, Ensino Médio e Ensino Fundamental. Contamos com 16 professores, sendo 1 graduado, 1 em fase de conclusão da graduação, 3 com nível magistério. Mas há, ainda, 8 não habilitados, lecionando para o ensino fundamental, e esses são todos indígenas. Entretanto, temos 4 professores de nível superior para lecionar para o ensino médio, porém não são indígenas.

Figura 3 - Duas das 4 Salas de aula da aldeia Pé de Mutum



Fonte: Idinei Zotsitsa, 2015

As instalações das escolas não são as ideais, precisam urgente de atenção dos órgãos públicos para melhorar as condições de ensino e aprendizagem nas aldeias Rikbaktsa, conforme podemos observar na Figura 4.

Figura 4 - Uma das salas anexas da aldeia Jatobá.



Foto: Idinei Zotsitsa, 2016

A escola conta ainda, com 1 diretor, que é indígena e 1 coordenador pedagógico, também indígena com formação em nível de magistério, 3 merendeiras e 1 faxineira, todas indígenas, com formação em ensino fundamental. As turmas ofertadas na aldeia Pé de Mutum seguem conforme quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Turmas Oferecidas na Aldeia Pé de Mutum

1º ciclo com 1º, 2º e 3º fases.	1º 2º e 3º ano	Pré 1º e 2º Serie
2º ciclo com 1º, 2º e 3º fases.	4º 5º e 6º ano	3º 4º e 5º serie
3º ciclo com 1º, 2º e 3º fases.	7º 8º e 9º ano	6º 7º e 8º serie

Fonte: Organizado pelo autor, 2016

Ainda são ofertadas turmas de EJA, do Ensino Fundamental.

No ano de 2016 as turmas oferecidas são conforme no quadro 2 abaixo, registradas.

Quadro 2 – Turmas oferecidas em 2016

1º SEGMENTO	1º ANO	2º ANO	3º ANO
2º SEGMENTO	4º ANO	5º ANO	6º ANO
3º SEGMENTO	7º ANO	8º ANO	9º ANO

Fonte: Organizado pelo autor, 2016

Quanto ao horário de aulas do ensino fundamental, tem turmas no período matutino e no turno vespertino. Já do Ensino Médio, algumas vezes tem aulas no noturno para completar carga horária. Turmas do EJA são ofertadas no noturno, porque os adultos trabalham durante o dia.

As aulas da aldeia Pé de Mutum, do Ensino Médio destacam-se melhor que qualquer outra sala de aulas na minha comunidade, por trabalharem com os cantos na língua materna do povo Rikbaktsa e trabalho de práticas culturais na prática.

Já com os pequenos, alunos do ensino fundamental da aldeia Pé de Mutum, os cantos são acompanhados junto com os mais idosos (anciões). Apesar de que ainda não é novidade, mas pretendemos melhorar.

A seguir falarei sobre a origem do povo Rikbaktsa.

CAPÍTULO II - A ORIGEM DO POVO RIKBAKTSA CONTADA ATRAVÉS DE MITOS

Segundo o dicionário Michaelis, mito é uma palavra de origem grega (mythos) que tem os seguintes significados: 1.Fábula que relata a história dos deuses, semideuses e heróis da Antiguidade pagã. 2. Interpretação primitiva e ingênua do mundo e de sua origem. 3.Tradição que, sob forma alegórica, deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico. 4. Exposição simbólica de um fato. 5. Coisa inacreditável. 6.. Enigma. 7.. Utopia. 8.. Pessoa ou coisa incompreensível.

Uma das razões da existência do mito é a necessidade de saciar a curiosidade dos homens em uma época em que a ciência ainda não tinha se desenvolvido ao ponto de explicar alguns fatos importantes – como a origem do Universo e a origem da vida. Além disso, o mito tem a função de tornar algo público por meio de uma narrativa marcante, que chame a atenção e desperte o interesse das pessoas. Assim, o mito quando utilizado em uma obra ou em uma história oral, tem a função principal de contextualizar o social no qual ele está sendo utilizado. Desta forma, há vários mitos que constituem a história do meu povo. Como não há um mito específico, descreverei sinteticamente apenas dois.

Figura 5 - O mito “segredo da preguiça”



Fonte: Idinei Zotsitsa, 2015

Dentre eles temos o mito “Segredo da preguiça”, dizendo que os clãs surgiram quando os homens arrancaram o rabo do bicho preguiça, enquanto ela comia fruta no alto do pé da

fruteira. Os homens arrancaram o rabo, porque ela não derrubava os frutos para o pessoal que estava no chão comer. Quando arrancaram o rabo da preguiça ficou um poço grande de sangue no chão, então os pássaros e animais que deram a origem dos clãs tomaram banho com sangue. O clã da Arara Cabeçuda foi o primeiro a tomar banho, por isso ficou com a cor vermelha muito forte.

Figura 6 - O mito dos peixes e a separação dos homens e as mulheres



Fonte: Idinei Zotsitsa, 2015

Este mito está no livro “Mitologia Rikbaktsa” (Padre Adalberto de Holanda), na época, as mulheres fugiram dos homens devidos eles baterem nelas e matarem a anta que as amavam, com a qual as mulheres mantinham relação sexual no córrego, após virem da roça, isto é, quando elas iam tomar banho. Antigamente, só as mulheres trabalhavam na roça e os homens trabalhavam fazendo os alimentos na casa.

2.1 Principais práticas tradicionais

As práticas culturais mais frequentes são os cantos, danças fora das festas grandes tradicionais, a festa da seca e a festa da chuva. Essas duas festas para serem realizadas é preciso ter alimentação, que é a base de tudo em uma festa grande. Essas festas podem levar até 60 dias,

no mínimo, para seu término. Assim pode dar condições aos participantes podendo chegar mais de 250 pessoas.

As principais alimentações da festa são: cará, batata doce, milho fofo, mandioca, beiju de milho e de mandioca, muita chicha e carne de caça e pesca.

Tem outros rituais como o funeral e também as festas de furação de dente de onça, de pena de gavião real. O ritual do funeral pode levar até sete dias no máximo, isso porque chega todo pessoal de todas as aldeias, e quem organiza as alimentações são parentes da pessoa que faleceu. As bebidas são todas tradicionais, como a chicha de banana verde e do milho fofo. As pessoas que vem para esse ritual voltam no mesmo dia para suas aldeias. Cada clã faz sua reza, tudo na língua Rikbaktsa, diferente um dos outros, já os parentes mais próximos e distantes também fazem diferentes. Aí é bem rígido, tem que cumprir tudo certinho para depois não acontecer coisas erradas, como acidente com quem não cumprir.

A festa de furação de dente de onça só acontece quando alguém mata onça e tira dentes para fazer colar. Geralmente essa festa, ou seja, não chega ser bem festa é um ritual, que é feito meia noite quando as crianças estão dormindo. Esse lugar de furação de dente quem deve escolher pode ser idoso ou a pessoa que matou a onça, podendo ser no quintal da aldeia ou na sua própria casa. Geralmente, quem participa são só os homens. Só tem chicha para tomar e comer alguma coisa durante esse período da furação.

As pessoas que furam os dentes nesse momento são do clã inverso do homem que matou a onça. Após terminarem, a pessoa que matou entrega esse colar feito de dente para uma pessoa do outro clã que não pertence ao dele. (A pessoa que recebe este colar deve ser do outro não do mesmo clã de quem matou a onça). A pessoa que mata onça nunca pode ficar com colar, a não ser se alguém matar e entregar para ele também.

A festa de furação de penas de gavião é feita com as penas da asa e do rabo do gavião Real e gavião Caipira. Essa festa leva um dia só. Durante esse dia é feito alimentos e bebidas tradicionais. As mulheres preparam a comida e as bebidas (chicha) para os homens furar as penas na casa dos homens Mykyry.

Não tem o dia certo de realizar essa festa, tudo depende do dia que uma pessoa mata o gavião Real ou gavião Caipira. O alimento principal é mingau da carne do gavião misturado com castanha do Brasil, mandioca e banana da terra verde. Após terminarem de furar as penas é dividido para os homens que estão participando fazer enfeites e as flechas. O homem que mata gavião ganha flechas e enfeites já todas prontas das pessoas idosas.

2.2 Nossas apresentações culturais

Fazemos algumas apresentações culturais, quando recebemos visitas ou mesmo quando somos convidados para apresentar na cidade. Nossas apresentações culturais, atualmente, são dançadas e copiadas da forma de dança de flautas. Só que de hoje são em cantos na língua materna, cantos que são ensaiados em grandes ou pequenos grupos de pessoas, principalmente os jovens.

Figura 7 - Jovens dançando e cantando na aldeia Barranco Vermelho



Foto: Idinei Zotsitsa, 2015

Essas apresentações e ensaios são feitas com as orientações dos anciões. Muitas apresentações são apresentadas todos juntos, meninas e meninos.

São vários cantos que copiamos (gravamos com celular) dos mais velhos. Hoje temos muitas gravações dos cantos dos idosos que não estão mais conosco, por isso ouvimos e aprendemos juntamente com outros anciões e professores da língua materna. Hoje, nós temos essas facilidades de gravar porque temos telefone celular, notebook e outros meios que nos ajudam a registrar nossa cultura. Se no passado tivéssemos tudo isso enquanto tínhamos muitos idosos, com certeza estaríamos bem melhor na parte cultural. Sempre foi difícil manter as práticas culturais devido as aldeias ficarem todas afastadas umas das outras com poucas famílias em todas as aldeias. Temos aldeias que não têm anciões para passar os ensinamentos tradicionais. Ainda temos aldeias com pessoas que não falam língua materna fluentemente.

Graças a nossa escola central “Escola Estadual Indígena Pé de Mutum” centralizada na aldeia Pé de Mutum, juntamos todos os alunos de outras aldeias, para praticarem a cultura Rikbaktsa nos períodos das aulas.

Antes nós não tínhamos essas pessoas Rikbaktsa que se preocupavam com essa questão, nem sequer aceitavam pessoas de fora fazer esses registros para guardarmos coisas da nossa cultura “isso foi ruim para nós jovens de hoje”, falou meu entrevistado. Antes as pessoas tinham medo de nossos registros entrarem na internet. “Tinham medo de alguém registrar; gravar, filmar e fotografar, ganhar dinheiro com isso e nós Rikbaktsa sem nada”.

Os cantos vêm inspirados nos animais, pássaros, frutas, árvores, em peixes e acompanhamento com letras e músicas de flautas. Temos cantos que são cantados durante o dia e os que são noturnos. Sempre que nós precisamos tocar flautas fora da festa tradicional tocamos principalmente em grandes festas não tradicional do povo Rikbaktsa e em reuniões grandes ou até mesmo para filmagens (registros).

A Festa Tradicional da Chuva só acontece na época da chuva. Essa festa é oferecida para agradecer a natureza que nos deu alimentos fartos de roça, e assim poderemos ter alimentos para o ano todo. Todos podem participar, inclusive as crianças na dança, porque são usadas as flautas pequenas (curtas, duplas). Os convidados especiais são os mais idosos. “Na época que eu era criança tinha muitas festas em várias aldeias, como tinha muitos idosos, as crianças e jovens tinham que ser comportados na presença dos anciões, porque eles (jogavam) passavam venenos que era dos costumes do passado. Então nós sempre ficávamos meio afastados (receados) e quase não comíamos o que eles ofereciam a nós. Isso já faz muitos anos, uns 28 anos atrás. Hoje ainda acontece isso só que bem pouco”, lembra o consultor nativo.

No decorrer da festa, que pode levar até 60 dias, há muitas apresentações. Nessa época temos alimentos: milho fofo verde, frutas colhidas da mata, tem castanha do Brasil colhida com mais facilidade, macacos gordos, pequenas pererecas amarelas do brejo para fazer mingau, banana e mandioca. No final da festa tem, ou tinha no passado porque hoje é rara a furação de orelha, de nariz, tatuagens. Antes também tinha casamentos tradicionais que era muito bonito.

Figura 8 – Alimentos sagrados na Festa da seca



Fonte: Idinei Zotsitsa, 2009

A festa da seca dura menos tempo, só que com mais alimentação, porque todos os alimentos já maduraram e foram colhidos todos da roça. Essa festa é realizada somente em tempo da seca. Geralmente tem danças todos os inícios de noite em frente da casa do dono da festa para tomar chicha. Essa dança do início da noite não pode dançar dentro da casa, só pode dançar fora, é diferente da dança do dia que é dançado dentro de casa do dono da festa. Os alimentos e bebidas são tirados da casa do dono da festa e quem faz o preparo de alimentos são sua esposa e filhas.

Figura 9 – Ritual na Festa da seca



Fonte: Idinei Zotsitsa 2016

O final da festa é o momento mais esperado, porque é quando é preparado e consumido o mingau, por todos os clãs. O mingau é oferecido sempre em frente a porta da casa do dono da festa. Essa oferenda do mingau sempre é feita na parte da manhã e é programado assim este dia: período da manhã deve-se arrumar a flauta ainda no escuro, repartir e consumir mingau, fazer a dança dos homens logo após distribuição do mingau e dançam até às duas horas da tarde, aí vem a dança das mulheres que vai até às cinco horas da tarde. Assim que terminam as danças, vem a furação de nariz masculino e feminino e as tatuagens masculinas e femininas. Já a furação de orelhas é só masculina. São os idosos que fazem as furações e tatuagens nas pessoas.

Quase não têm apresentações culturais. Mudam as flautas em vez de curtas agora são todas compridas, então as crianças já não dançam. Do resto, tudo acontece igual a outra festa tradicional citada a “Festa Tradicional da Chuva.

A seguir falarei sobre a parte mais importante desse trabalho: a confecção do Myhãrã.

CAPÍTULO III - MYHÃRÃ (CAPACETE): UM DOS ARTESANATOS MAIS IMPORTANTES PARA O POVO RIKBAK TSA

Este artesanato é chamado de capacete pelos não índios e por nós Rikbaktsa é falado e conhecido na língua Rikbaktsa por Myhãrã.

O Myhãrã é utilizado nas festas tradicionais de derrubada, festas tradicionais na época de seca e nas festas tradicionais da chuva, mas também nas manifestações da etnia e nos funerais. Era usado na guerra, no passado, com os não índios e até com os indígenas de outras etnias.

Figura 10 - Pessoas usando Myhãrã em apresentação cultural



Foto: Idinei Zotsitsa, 2016.

Na Figura 10, podemos observar mulheres fazendo uso do Myhãrã numa apresentação cultural do povo Rikbaktsa, em ocasião de formatura de uma turma do ensino fundamental. Entretanto, as cores destes Myhãrã estão misturadas, ou seja, não é original conforme o clã das pessoas que estão usando. Quando acontece isso, pode não ser descuido das pessoas, pois alguns anciãos afirmam que fazem o Myhãrã com cores misturadas porque não tem penas suficientes para confeccionar conforme é o certo.

Quem usa o Myhãrã tem como objetivo descaracterizar-se, pois o usuário descaracterizado, não será reconhecido pelo inimigo, visto que a pessoa que o usa fica

totalmente diferente. Mas, serve também para enfeitar e dançar nas festas tradicionais do povo Rikbaktsa. O que pode fazer a descaracterização das pessoas com este artesanato é o uso da pintura no rosto (face), penas de pássaros que têm no artesanato e cabelo que cobre o rosto das pessoas. O cabelo cobre o rosto de quem usa. Então, consideramos a descaracterização das pessoas que usam o Myhãrã como se alguém colocasse a máscara no rosto ou na cabeça para ninguém reconhecer nos conflitos, como acontecia no passado (antigamente).

Figura 11 - Parte traseira do Myhãrã de rabos duplos



Fonte: Acervo FUNAI, 2013

O modo de usar o Myhãrã leva a pessoa a ficar diferente, porque tem muitas penas de pássaros coloridas e é muito larga, desta forma, a largura do enfeite na cabeça cobre os cabelos, pois há muitos rabos das araras coloridas. Outro motivo de tal descaracterização é que o artesanato é usado com as pinturas corporais, como as pinturas pretas do jenipapo, do carvão, do barro branco e também o vermelho do urucum. Com isso as pessoas mudam de feição.

3.1 Os diferentes tipos de Myhãrã

São 4 tipos de Myhãrã, sendo dois do Clã da “Arara Cabeçuda” e dois do Clã da “Arara Amarela”. As duas metades têm duas Myhãrã, uma com rabos das Araras duplas (duas camadas de rabos) e outra simples (só uma camada de rabos).

Figura 12- Partes traseiras dos Myhãrã (tsa)



Fonte: Valdir Rikbaktsa, 2014

Figura 13 - Myhãrã simples



Fonte: acervo FUNAI: 2013 - Este pertence do clã Arara Amarela que é myhãrã simples.

Na Figura 13, vemos uma Myhãrã pertencente ao clã Arara Amarela. Esta Myhãrã é a do tipo simples, pois só tem uma camada de penas de arara formando o rabo da Myhãrã.

Já, na Figura 14, temos a Myhãrã de rabos duplos, pois é confeccionada com duas camadas de penas para fazer o rabo da Myhãrã. Esta também é uma Myhãrã do clã da Arara Amarela.

Figura 14 - Myhãrã de rabos duplos



Fonte: Valdir Rikbaktsa, 2014

A seguir apresento desenhos que representam os Myhãrã das duas metades dos clãs: Arara Amarela e Arara cabeçuda.

Segundo os anciãos, as Myhãrã originais eram iguais aos desenhos abaixo.

Figura 15 - Myhãrã simples do clã Arara amarela



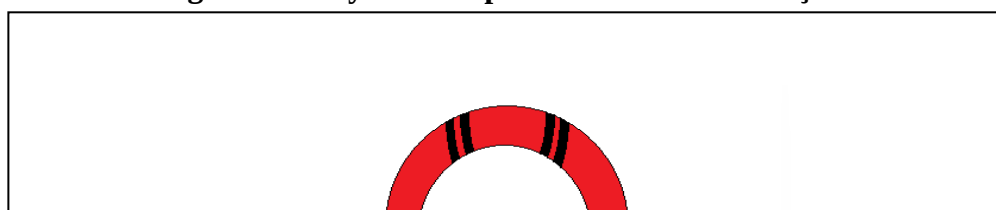
Fonte: Idinei Zotsitsa, 2016

Figura 16 - Myhãrã duplo do clã Arara amarela



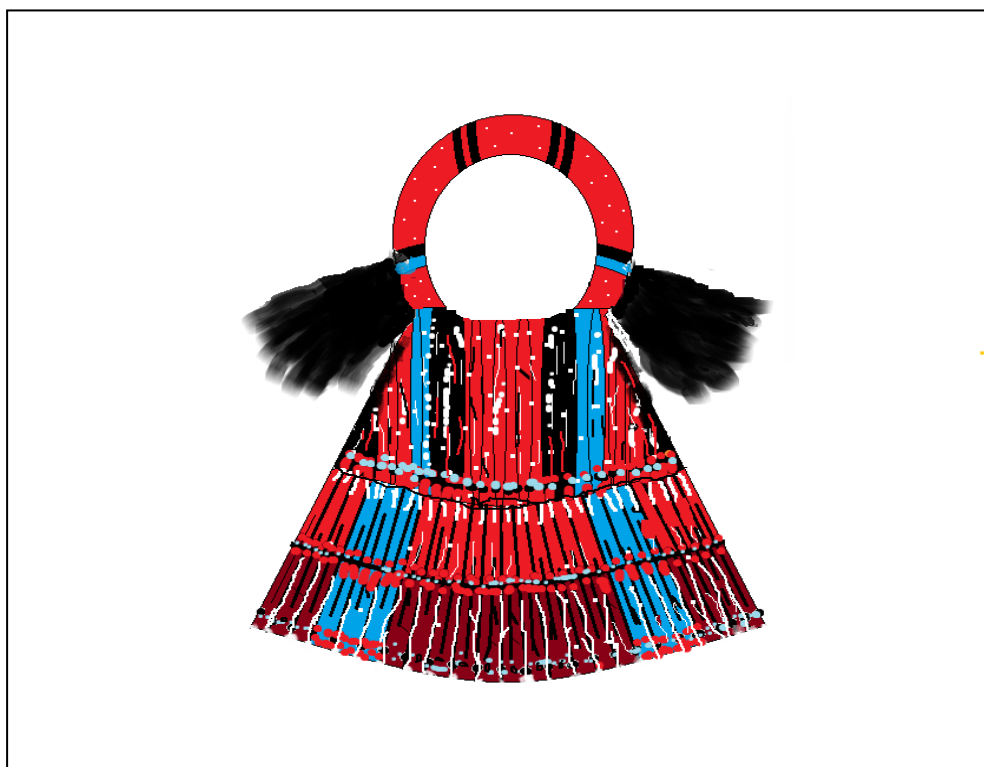
Fonte: Idinei Zotsitsa, 2016

Figura 17 - Myhãrã simples do clã Arara Cabeçada



Fonte: Idinei Zotsitsa, 2016

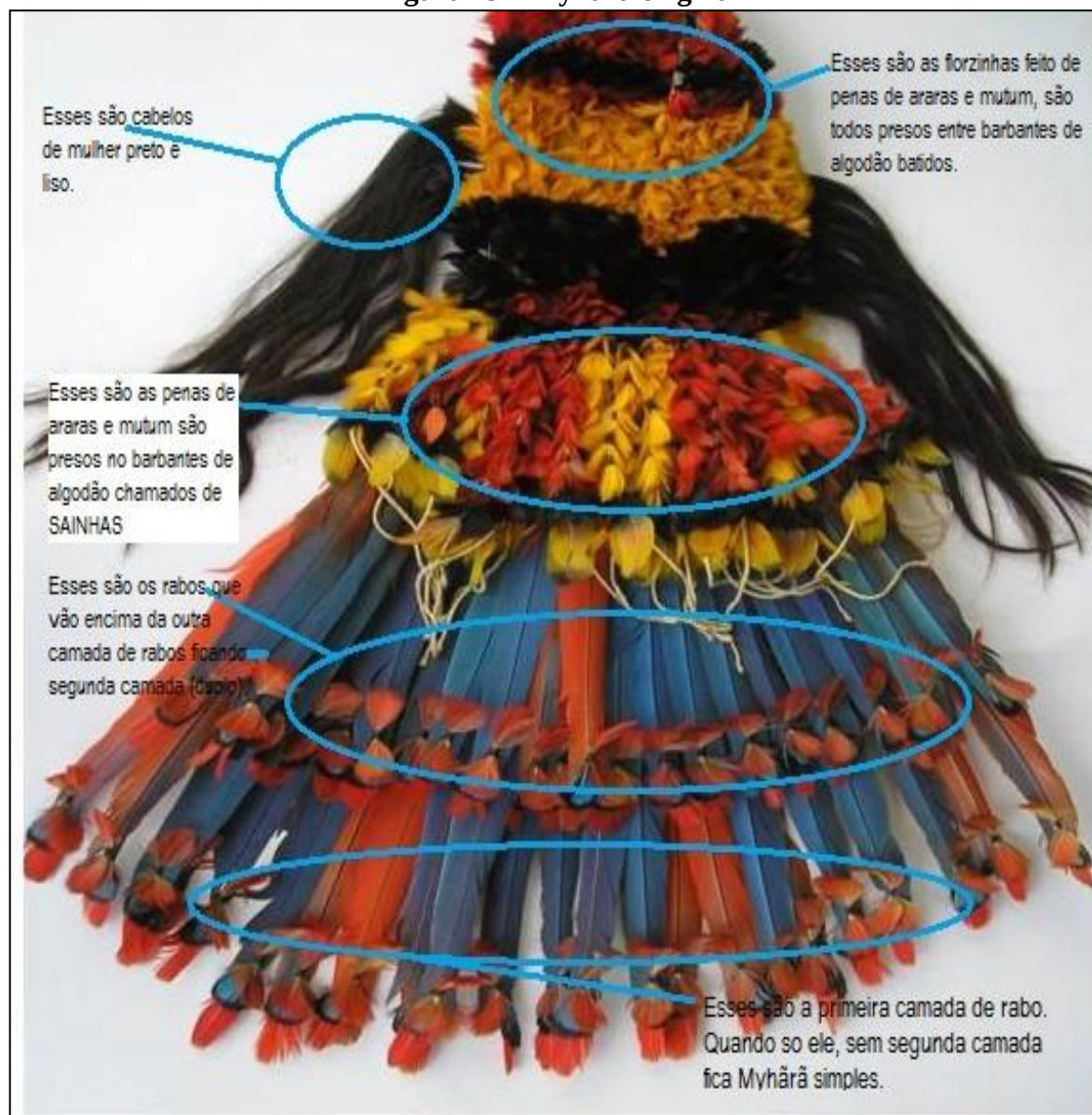
Figura 18 - Myhãrã duplo do clã Arara Cabeçada



Fonte: Idinei Zotsitsa, 2016

Abaixo vou apresentar uma imagem de uma Myhãrã original. Esta imagem é dos arquivos da FUNAI e ela traz, também, as explicações de todos os elementos que compõe a Myhãrã. É uma imagem explicativa.

Figura 19 – Myhãrã original



Fonte: Funai, 2016

Cada clã tem que usar o seu Myhãrã sem misturar as cores. Mas as formas do Myhãrã todas são iguais para todos os clãs.

Antigamente, as pessoas que usavam o artesanato com as cores de outro clã perdiam, porque os donos das cores tomavam ou pegavam de quem confeccionou sem permissão. Só que hoje temos muitas pessoas que não dão importância para as cores dos artesanatos, fazem e usam

sem ter o conhecimento das cores que dividem cada clã. Muitas vezes, fazem colocando muitas cores coloridas, simplesmente, por acharem muito bonito.

3.2 Como confeccionar o Myhãrã

Os materiais que são usados para confecção do Myhãrã são: barbantes de algodão que é feito tradicionalmente pelas mulheres Rikbaktsa, penas de pássaros como arara amarela e vermelha, penas pretas de mutum, embira (fibra da casca) da árvore (tuahok) (da família da embaúba), tinta de folha que dá cor roxa para pintar barbantes de algodão, cabelo liso e preto de mulher Rikbaktsa, tear feito de madeira, piche de cor preta para passar no barbante esse é comprado em loja de cidade, o mesmo que é usado para fazer asfalto, porque ele que da liga e segura as penas junto com barbante, tesoura e faca para cortar as penas de pássaro e barbante. Esses são os elementos essenciais para que o capacete Myhãrã seja confeccionado.

No entanto, na hora da confecção, há algumas restrições que devem ser observadas. Uma delas se refere ao tear, o esposo não pode tecer barbante no tear quando a esposa estiver gestante. Se o esposo que está com mulher gestante tecer, ela pode perder o bebe ainda na barriga (aborta a criança). A mulher pode ajudar o esposo na separação e seleção das penas para fazer florezinhas. Ela e o marido podem fazer este trabalho se não estiver gestante, lógico. Também a mulher que está menstruada não pode ajudar. “Outras restrições não podem ser registradas ou reveladas aqui neste trabalho”, alertou o entrevistado Geraldino.

Para confeccionar o Myhãrã tem que juntar os materiais por muitos dias, porque não é rápido consegui-los. Os materiais principais são os fios de algodão feito tradicionalmente, pelas mulheres, já as penas são das araras e mutum. As araras oferecem as cores de penas azul, amarela e vermelha, o mutum com a cor preta. Os pássaros são caçados para sustento das famílias, não só para aproveitar as penas para fazer artesanatos, por isso leva muito tempo para fazer artesanato como Myhãrã. Ainda mais que esses pássaros sentam sob árvores altas e só com flecha quase não conseguimos pegá-los. Precisa de arma de fogo. Temos araras criadas no quintal da aldeia que tiramos penas, mas não rende por serem poucas penas. De flecha podemos matar na época que eles comem sementes de pacovas que são plantas baixas. “Hoje também alguns interessados a fazer Myhãrã procuram quem tem as penas que pode ser jeito mais rápidos de juntar e fazer a confecção, mas aí ele tem que trocar com alguma coisa que pode interessar a pessoa”.

Antigamente, as pessoas que decidiam fazer a confecção do Myhãrã, convidavam várias pessoas para ajudar na separação das penas e amarrar. Então, o dono preparava os alimentos e bebidas para os convidados e dava algum tipo de artesanato para recompensar a pessoa. Isso servia para outras confecções dos artesanatos, assim era mais rápido de terminar. Só que, com o passar do tempo, isso foi mudando, porque as pessoas faziam para venda, então cada interessado tinha que fazer o seu porque isso iria favorecer o sustento da sua família.

Figura 20 - Desenho de pessoas na colaboração da confecção do Myhãrã



Fonte: Idinei Zotditsa, 2016

O modo de confeccionar hoje teve mudança do jeito que era antigamente, na organização e também nas cores. Portanto, temos algumas pessoas nas comunidades que querem resgatar essas formas do antepassado de como era feito este artesanato como vários outros que também teve mudança nas cores. Nada é impossível é só ter penas de pássaros que dá condições para confecção.

São 3 fases de confecções do Myhãrã. Primeiro, tem que juntar penas de pássaros das cores vermelha, azul e amarela das araras e também preta do mutum. Segundo, são amarradas as penas que irão no Myhãrã formando as florezinhas de penas azul, amarela, vermelha e preta, sainhas, amarrar cabelos, enfeitar ponta dos rabos ou também pode deixar essa fase para o final

de toda confecção se preferir. Terceiro, a fase final, aqui irão ser feitas as tranças ou costurar essas partes feitas como florezinhas, cabelo, entre outros. Serão colocados todos em barbantes de algodão que está no tear. Assim são feitos os Myhârâtsa para todos os clãs, sempre desta mesma forma.

Geralmente os Myhârâ são feitos para os adultos e adolecentes, nunca para as crianças usarem. As mulheres também usam nas danças tradicionais do povo Rikbaktsa.

3.3 As partes que compõem o Myhârâ

Figura 21 - Sainhas de penas vermelhas e rabo azul ou amarela



Fonte: Idinei Zotsitsa, 2016

Figura 22 - Rabo de arara vermelha e saina de penas amarelas



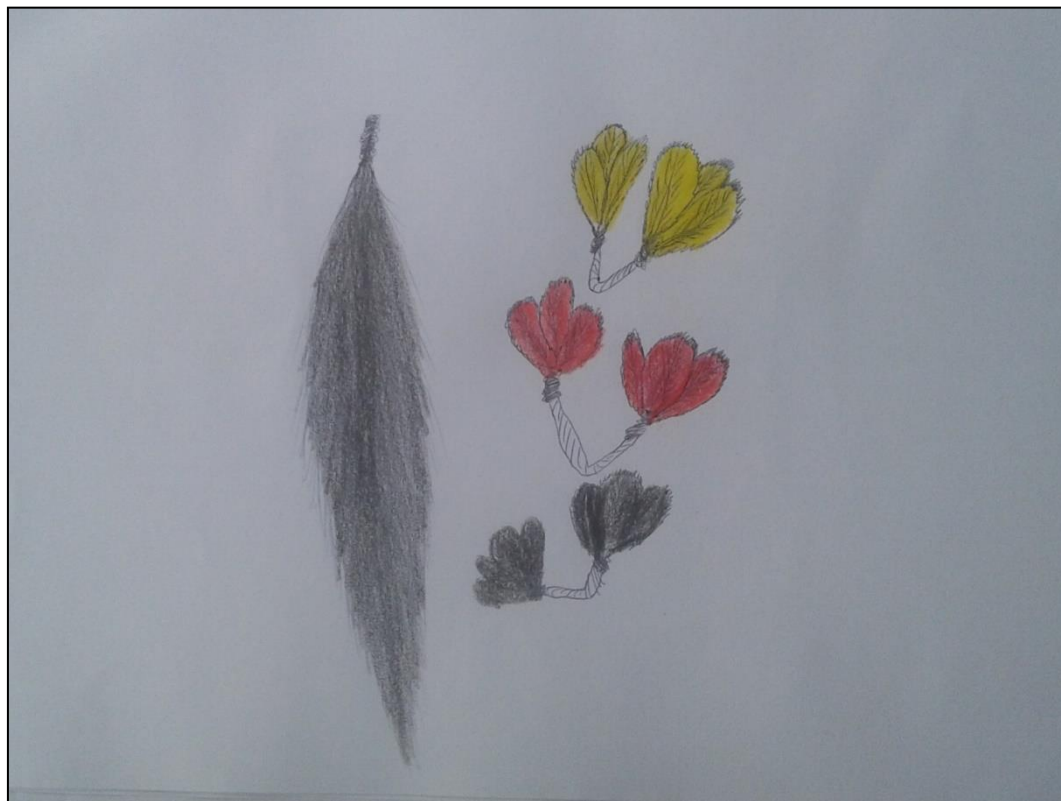
Fonte: Idinei Zotsitsa, 2016

Figura 23 - Sainha preta feita com penas de mutum e novelo de linha de algodão



Fonte: Idinei Zotsitsa, 2016

Figura 24 - Florzinha de pena amarela e vermelha da arara, florzinha de pena preta do mutum e o cabelo preto das mulheres Rikbaktsa



Fonte: Idinei Zotsitsa, 2016

Figura 25 - Folha de tinta roxa para pintar os fios de algodão tradicional

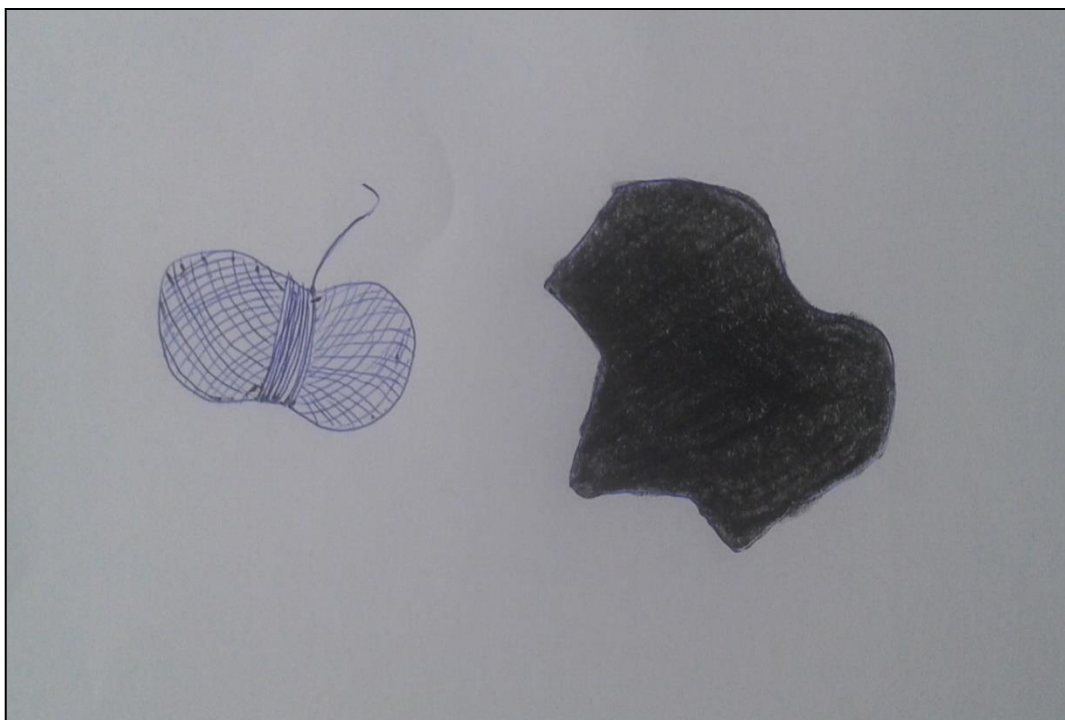


Fonte: Idinei Zotsitsa, 2016

Essa folha de tinta roxa para pintar os fios de algodão tradicional, quando está na sua árvore tem cor esverdeada, só depois que tira e esmigalha com a mão, até soltar um líquido, se torna de cor roxa ou cor violeta, e é muito bonita. Não sabemos o nome científico dessa planta. É uma árvore não muita alta, pode chegar até cinco metros de alturas.

Outros materiais necessários que usamos na confecção deste artesanato:

Figura 26 - Barbante e piche

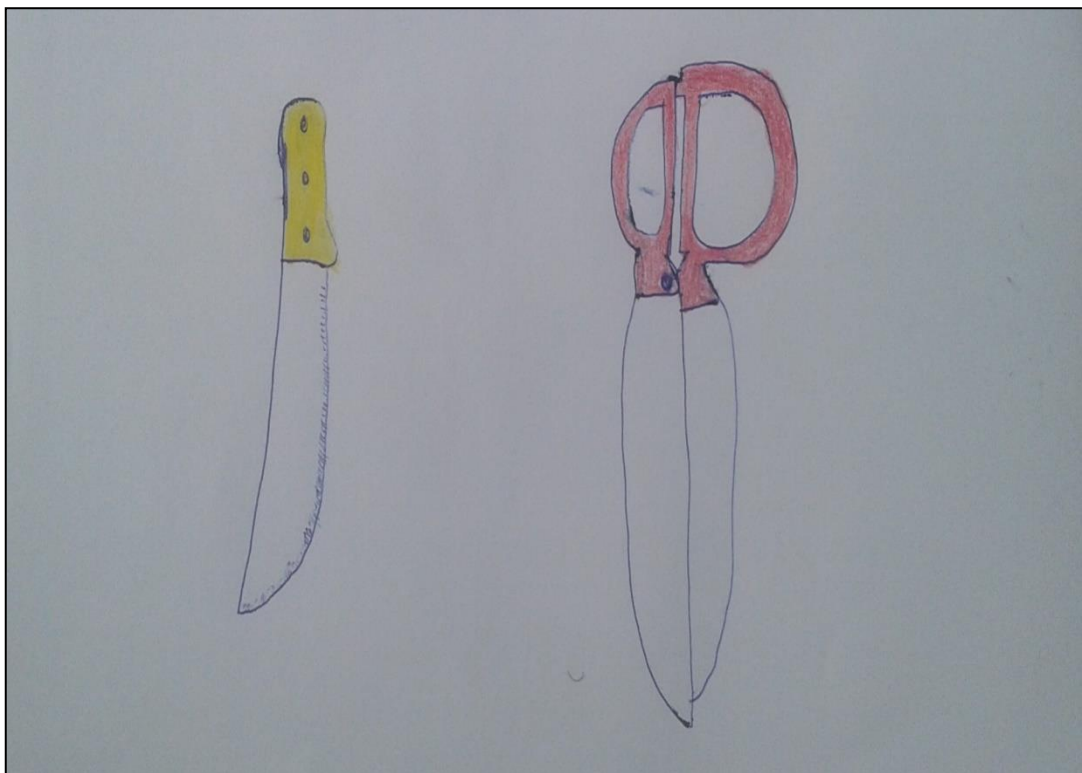


Fonte: Idinei Zotsitsa, 2016

Como expliquei acima, o barbante é feito tradicionalmente pelas mulheres Rikbaktsa, e servem para amarrar as diferentes partes do Myhãrã. Além dos materiais que são coletados na própria área onde vivem os Rikbaktsa, é preciso comprar na cidade uma porção de piche, que é o mesmo material que faz asfalto. O piche servirá para colar as peninhas que vão formar as florezinhas, principalmente. Assim, com estes dois materiais o Myhãrã terá suas partes bem fixadas e não sofrerá danos pelo seu uso, nos rituais, nas danças, por muito tempo.

E, claro, dois materiais são muito necessários para a confecção do Myhãrã, que são a tesoura e a faca, para cortar certinho todos os barbantes do tamanho certo para ficar o artesanato cultural bem bonito.

Figura 27 - Faca e tesoura



Fonte: Idinei Zotsitsa, 2016

Não sei se tem mito do Myhãrã. Para fazer Myhãrã não tem época certa para confeccionar.

As cores do Myhãrã misturaram-se porque os Rikbaktsa acham mais bonitos coloridos. Sendo que as cores principais são das araras vermelhas e amarelas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostei de fazer este trabalho, mesmo com dificuldades, sem ter alguém presente para me ajudar dentro da minha aldeia. Mas, fico contente em poder dizer que aprendi muito com algumas pessoas que foram entrevistadas por mim. No dia em que precisei das pessoas distantes, elas com paciência, me deram atenção e colaboraram para as melhorias do meu trabalho e também as pessoas que me ajudaram a organizar este trabalho, Leia Silva, pesquisadora que estudou para sua formação acadêmica em nível de doutorado a nossa língua materna e também a orientadora titular (especial) deste trabalho professora Isamar Fróio. Essas ajudas e as feitas através da internet da escola que fica próxima de minha casa, foram muito importantes para a elaboração dessa minha pesquisa.

Esse trabalho contribuiu muito com o aprendizado e desenvolvimento da minha escrita. Também colaborou até com a coordenação-motora na digitação. É importante porque ficará registrado para o meu povo e posso mostrar o meu registro para quem se interessar sobre o assunto.

Aprendi muita coisa da minha cultura fazendo essa pesquisa. As trocas de ideias com os anciões de várias aldeias foram fundamentais. Espero que este trabalho possa ajudar alguém em suas pesquisas ou na curiosidade em conhecer sobre a cultura Rikbaktsa. Isso é importante para as crianças e alunos pequenos conhecerem um pouco mais sobre a nossa realidade e a cultura do próprio povo. Neste trabalho não há muitas informações sobre a cultura do povo, mas já é alguma coisa que me faz ficar contente em escrever sobre meu povo. Isso é começo de muitas outras.

É importante para minha comunidade porque tive essa oportunidade de falar e registrar sobre ela.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Adalberto Holanda. **O Pensamento mítico do Rikbaktsa**. Instituto Anchietano de pesquisas. São Leopoldo – Rio Grande do Sul, 1994.

CAMPBELL, Joseph, 1904-1987. **O poder do mito**. Org. por Betty Sue Flowers: tradução de Carlos Felipe Moisés. -São Paulo: Palas Athena, 1990.

CONSULTORES NATIVOS

Oseias Pudaik,

Geraldino Matsi,

Eriberto Nabita,

Arnildo Rikbakbakta,

Paulo Tsikdi,

Marinho Mamita

Salvador Rikbaktsa.